



Texto enviado em

20.11.2025

Aprovado em

27.11.2025

V. 15 - N. 34 - 2025

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Docente da graduação e do programa de estudos de Pós-graduação da Faculdade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contato: alopes@pucsp.br

Crer, sofrer, esperar e transformar: por uma espiritualidade cristã no entardecer do cristianismo

To believe, to suffer, to hope, and
to transform: towards a Christian
spirituality in the twilight of Christianity

* *Antonio de Lisboa Lustosa Lopes*

Resumo

O presente artigo investiga os desafios da espiritualidade cristã no contexto contemporâneo a partir do diálogo entre quatro autores fundamentais: Tomáš Halík, Mário de França Miranda, Byung-Chul Han e Ailton Krenak. Partindo da constatação de que vivemos um cenário de crise institucional da fé, marcado pelo esgotamento da experiência, pela expulsão do outro, pela lógica neoliberal de desempenho e pelo avanço de formas de necropolítica, busca-se compreender como a tradição cristã pode responder criativamente a esse tempo de entardecer. Halík oferece uma espiritualidade da resistência, na qual fé, sofrimento e esperança se entrelaçam como caminho de maturidade e purificação. França Miranda propõe uma eclesiologia dinâmica, para a qual a Igreja é uma realidade histórica em contínua conversão, chamada a abandonar modelos de poder e a recuperar a centralidade do Reino de Deus. Han ilumina os processos sociais que produzem cansaço, narcisismo e superficialidade, destacando a urgência de recuperar a interioridade e a escuta como práticas de alteridade. Krenak, por

sua vez, confronta a lógica utilitarista e destrutiva da modernidade, afirmando a vida como fruição e cuidado, e convidando a um reencontro com a Terra e com a diversidade dos seres. Ao integrar essas perspectivas, o artigo sugere caminhos para uma espiritualidade cristã capaz de resistir ao esvaziamento contemporâneo, reacender o sentido do outro e renovar a missão da Igreja em meio às transformações do mundo atual.

Palavras-chave: Espiritualidade cristã; Alteridade; Igreja contemporânea; Necropolítica; Esperança.

Abstract

This article examines the challenges of Christian spirituality in the contemporary world by engaging in dialogue with four key authors: Tomáš Halík, Mário de França Miranda, Byung-Chul Han, and Ailton Krenak. Starting from the recognition that we inhabit a context of institutional crisis of faith, marked by the exhaustion of experience, the expulsion of the other, the neoliberal logic of performance, and the advance of necropolitical structures, this study seeks to understand how the Christian tradition can respond creatively to this time of twilight. Halík offers a spirituality of resistance in which faith, suffering, and hope intertwine as a path toward maturity and purification. França Miranda proposes a dynamic ecclesiology in which the Church is understood as a historical reality in continuous conversion, called to abandon models of power and reclaim the centrality of the Kingdom of God. Han illuminates the social processes that generate exhaustion, narcissism, and superficiality, emphasizing the urgency of recovering interiority and listening as practices of alterity. Krenak, in turn, confronts the utilitarian and destructive logic of modernity, affirming life as enjoyment and care, and inviting a renewed connection with the Earth and the diversity of beings. By integrating these perspectives, the article suggests pathways for a Christian spirituality capable of resisting contemporary forms of emptiness, rekindling the meaning of the other, and renewing the Church's mission amid the transformations of the present world.

Keywords: Christian spirituality; Alterity; Contemporary Church; Necropolitics; Hope.

Introdução

Aexperiência religiosa cristã, no início do século XXI, encontra-se atravessada por transformações profundas e aceleradas. Diversos autores têm apontado que não se trata simplesmente

de uma crise de credibilidade institucional, mas de uma mutação ampla nas formas de viver, sentir, vivenciar e imaginar a fé. Tomáš Halík, por exemplo, descreve esse processo como um verdadeiro “entardecer do cristianismo”¹, expressão que sintetiza o esgotamento de modelos herdados, a perda de relevância pública das instituições eclesiásticas e a emergência de novas sensibilidades espirituais que ainda buscam linguagem e forma. Paralelamente, a sociedade contemporânea, marcada pela hipercomunicação, pela homogeneização e pelo narcisismo exacerbado, produz aquilo que Byung-Chul Han denomina “expulsão do outro” (Han, 2022), um fenômeno que reduz a alteridade, fragiliza o vínculo social e gera subjetividades cansadas. A esse cenário somam-se as críticas de Ailton Krenak ao necrocapitalismo e ao utilitarismo que esvaziam a experiência da vida, ampliam a destruição da Terra e marginalizam mundos, corpos e modos de existência. Nesse contexto, a pergunta pela espiritualidade cristã, sua forma, sua plausibilidade e seu testemunho, reaparece de modo urgente.

Diante desse quadro, a teologia é desafiada a repensar o modo como comprehende a fé e também como comprehende a Igreja. Mário de França Miranda argumenta que a Igreja é uma realidade viva e histórica, sempre chamada a se transformar para responder ao Evangelho em contextos diversos. A crise não é apenas externa, sociológica, mas também interna, eclesial: estruturas envelhecidas, resistências a mudanças e formas de autorreferencialidade dificultam o testemunho do Reino de Deus. Assim, a espiritualidade cristã precisa dialogar com as condições

1. A expressão “o entardecer do cristianismo” é utilizada por Tomáš Halík para designar um tempo de transformação profunda da fé cristã, marcado não pelo seu declínio, mas pela passagem para uma nova etapa de maturidade espiritual. Assim como o entardecer anuncia a chegada da noite, momento de silêncio, discernimento e ocultamento, também o cristianismo contemporâneo atravessa um período em que antigas formas institucionais, linguagens e certezas perdem vitalidade. Para Halík (2023), esse entardecer não representa o fim da fé, mas uma purificação necessária que conduz a Igreja a abandonar triunfalismos, recuperar a humildade e redescobrir o essencial da experiência evangélica. Trata-se de compreender a crise como kairós, um tempo propício no qual a fé aprende a viver sem privilégios, sustentada na esperança pascal que amadurece precisamente na escuridão.

concretas de um mundo marcado por exclusões, invisibilidades e lógicas de morte, ao mesmo tempo em que se deixa interpelar pelos aportes filosóficos, antropológicos e cosmológicos contemporâneos.

A relevância deste estudo reside justamente na possibilidade de articular tais dimensões: compreender, a partir do cruzamento entre teologia, filosofia e pensamento indígena, quais caminhos espirituais se tornam possíveis, ou necessários, para um cristianismo que deseja permanecer fiel ao Evangelho numa época de fadiga civilizacional. Trata-se de investigar como a reflexão cristã pode acolher as críticas culturais de Han, o chamado à pluralidade e ao encantamento de Krenak, a eclesilogia dinâmica de França Miranda e a espiritualidade da noite e da esperança proposta por Halík. Esse diálogo interdisciplinar permite elaborar uma visão mais ampla dos desafios atuais e, ao mesmo tempo, oferecer pistas para um modo cristão de viver que seja capaz de resistir, de cuidar e de transformar.

Metodologicamente, o artigo adota uma abordagem teórico-interpretativa, baseada na análise compreensiva e dialógica das obras selecionadas. Privilegia-se um olhar hermenêutico que busca não apenas expor o pensamento de cada autor, mas integrá-los em uma reflexão unificada, na qual teologia, filosofia e cosmologia indígena não aparecem como discursos isolados, mas como perspectivas que se iluminam mutuamente. O material de Halík, França Miranda, Han e Krenak constitui o eixo principal da investigação, funcionando como “lugares de fala” a partir dos quais se interpreta a condição espiritual contemporânea.

O objetivo do artigo é formular os elementos centrais de uma espiritualidade cristã capaz de resistir ao sofrimento e à incerteza, abrir espaço para o outro num mundo que tende a expulsá-lo e responder ao esvaziamento da experiência provocado pelo consumismo, pela aceleração e pela perda de vínculo com a Terra. Busca-se, ao final, delinear uma espiritualidade que, enraizada no mistério pascal e sensível às dores do

tempo presente, ofereça uma contribuição significativa para uma Igreja que deseja se transformar e permanecer fiel à surpresa do Evangelho.

É como abrir um mapa antigo para mostrar caminhos que não vimos antes ou uma trilha que você pode seguir e uma estrada para explorar na névoa de um mundo em constante turbulência. Deseja-se uma bússola que, em vez de nos direcionar para um norte estável além de dogmas fixos, nos aponte para as estrelas da alteridade e da esperança e nos ajude a percorrer caminhos espirituais e brotos. É como se a fé tivesse se preservado, aquele rio subterrâneo que irriga um oásis de comunhão e resistência em meio às fendas da devastação. Nesta escuridão de incerteza, a teologia serve como um farol que ilumina aqueles rostos que buscam ansiosamente redesenhar os contornos do sagrado na Terra que geme.

2. A fé que não livra do sofrimento:

Halík e a espiritualidade da resistência

A espiritualidade proposta por Tomáš Halík e desenvolvida ao longo de obras como *A Noite do Confessor*: a fé cristã num mundo de incertezas (2016), *Não Sem Esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas* (2018), *O Entardecer do Cristianismo: a coragem de mudar* (2023), *Toque as Feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação* (2016), é uma das mais vigorosas respostas contemporâneas à crise da fé. Longe de oferecer um cristianismo anestésico ou triunfante, Halík insiste que a fé cristã é sempre atravessada pela noite, pelo silêncio, pela dúvida e pela vulnerabilidade. Ela não remove o sofrimento, nem o torna suportável por meio de promessas rápidas; ao contrário, a fé cristã nasce precisamente no enfrentamento do abismo. É a coragem de permanecer fiel quando “nada garante”, quando as luzes se apagam, quando o mistério permanece fechado e Deus parece ausente.

Nesse sentido, o cristianismo aparece como uma travessia, um caminho, e não como um sistema de certezas prontas. Halík recorda que “a

fé cristã não consiste primariamente numa veneração cultural da pessoa de Jesus, mas sim no caminho de seguir a Cristo" (Halík., 2016, p. 18). Esse seguir exige confiança, perseverança, conversão contínua e uma abertura radical ao mistério de Deus, cuja presença jamais se deixa capturar por esquemas fechados. Por isso, o autor afirma que "o modo de cada pessoa ser humana é a expressão mais autêntica da sua crença ou incredulidade" (Halík., 2016, p. 21): a fé se manifesta mais no modo como se vive do que no modo como se fala sobre Deus.

A fé forjada na noite do crente, tal como proposta por Halík, é, portanto, uma fé intrinsecamente relacional e prática. Ela se afasta do dogmatismo teórico e da introspecção estéril para se tornar um ethos de presença no mundo. Essa espiritualidade de "tocar as feridas" exige que o crente e a Igreja abandonem qualquer postura de triunfo autorreferencial para abraçar integralmente sua condição de fraqueza e conversão contínua. É precisamente nessa vulnerabilidade, na coragem de encarar o abismo sem garantias mágicas, que o testemunho cristão ganha plausibilidade em um mundo cansado e secularizado. Essa fé adulta é a fonte da esperança persistente que permite pronunciar o "não obstante," recusando-se a capitular à resignação imposta pelas narrativas cínicas ou superficiais.

No entanto, essa resistência espiritual profunda não é apenas uma postura interior; ela remete imediatamente ao desafio externo do mundo contemporâneo. Se Halík propõe a aceitação do sofrimento da ausência de Deus e da necessária vulnerabilidade da Igreja, isso se confronta com um ambiente social que, segundo a crítica filosófica de Byung-Chul Han, se estrutura em torno da expulsão do outro. O diagnóstico de Han aponta para uma sociedade de performance que, obcecada pela positividade e auto-otimização, apaga o negativo, o alheio e o dissidente. O passo seguinte desta reflexão, portanto, é investigar como a espiritualidade da presença e da paciência proposta por Halík pode se configurar como um antídoto radical e eficaz para a subjetividade cansada e o narcisismo homogêneo que Han identifica como as patologias centrais da modernidade tardia.

No prefácio de *O Entardecer do Cristianismo: a coragem de mudar* (2023), Halík reconhece que o fenômeno religioso contemporâneo está atravessando uma transformação profunda. A secularização, freqüentemente vista como ameaça, aparece, em sua leitura, como um processo interno de purificação. A crise é antes intraeclesial do que externa: “É muito frequente duas pessoas recitarem em uníssono o mesmo credo no mesmo banco de igreja, alimentando, contudo, ideias muito diferentes acerca de Deus” (Halík, 2023, p. 09). O problema não é a variedade de interpretações, mas o fato de que muitas permanecem presas a imagens mágicas ou infantis de Deus. A metáfora do “entardecer” não sugere extinção, mas transição. Assim como o cair da tarde prepara a noite, esse entardecer prepara um cristianismo mais profundo e menos triunfalista. A noite é pedagógica: em *A Noite do Confessor: a fé cristã num mundo de incertezas* (2016), Halík afirma que a experiência da ausência de Deus é “um tempo extremamente importante para o crescimento e maturação espiritual”. É nesse espaço que o crente aprende a permanecer quando as garantias desaparecem. O silêncio de Deus não significa abandono, mas educação espiritual. Esse entardecer coincide com a perda de relevância institucional, com o desgaste da linguagem religiosa e com o cansaço das promessas fáceis; mas abre também espaço para uma fé pascal, ferida, interrogativa, resiliente, capaz de atravessar a noite sem perder a esperança.

Em todas as suas obras, Halík insiste que a fé cristã não é estática, mas um movimento contínuo em direção ao invisível. Em *A Noite do Confessor: a fé cristã num mundo de incertezas* (2016), afirma que “a ‘luz do Monte Tabor’ não elimina a natureza do mistério” (Halík, 2016, p. 34): mesmo quando Deus se revela, permanece velado; mesmo quando ilumina, preserva a obscuridade necessária para que a liberdade humana se mantenha. Por isso a fé é uma busca sem fim, sempre recomeçada. O fanatismo, tão evidente no cenário contemporâneo, é para ele precisamente o contrário da fé: “o fanatismo militante tende a ser uma máscara típica da incredulidade existencial” (Halík, 2016, p. 37). Quanto mais frá-

gil a fé, mais barulho faz; quanto menos confia, mais agride. A espiritualidade cristã proposta por Halík, porém, é uma espiritualidade da profundidade. Deus “é o mar profundo; não pode ser encontrado nos baixios”. Procurá-Lo exige coragem de aventurar-se em águas incertas, onde se corre o risco de duvidar, de perder-se e, sobretudo, de ser transformado.

Essa espiritualidade se expressa não apenas no nível interior, mas no testemunho. Um dos temas mais recorrentes em Halík é o do testemunho silencioso. Numa sociedade saturada de discursos, hiperexposição e performatividade, a fé cristã precisa testemunhar não pelo barulho, mas pela presença. “No cristianismo, não se pode separar a adoração do serviço ao homem” (Halík, 2023 p. 42), escreve ele em *O Entardecer do Cristianismo: a coragem de mudar* (2023). A verdadeira adoração se faz na misericórdia, na escuta, na hospitalidade e na solidariedade concreta. Halík aborda ainda com franqueza as feridas infligidas pela própria Igreja: “As crises mais dolorosas dos últimos anos são as feridas infligidas por representantes da Igreja a pessoas indefesas” (p. 103). Por isso, o testemunho cristão implica também conversão institucional, purificação da memória e cuidado com aqueles que foram feridos.

Em *Toque as Feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação* (2016), essa visão se aprofunda: as feridas pessoais e históricas não são apenas sinais de dor, mas lugares teológicos, espaços onde Deus se revela. Inspirando-se em Anselm Grün, Halík afirma que “no lugar da minha ferida encontra-se o meu tesouro”, e que só “um médico ferido pode curar”. A espiritualidade cristã torna-se, assim, arte de transformação: uma travessia que evita capitular moralmente diante da violência e que recusa participar do “círculo da retaliação”. A oração, afirma ele, “é a forja de Deus”, espaço onde as emoções são purificadas, o discernimento amadurece e onde nasce a capacidade de responder ao mundo com amor responsável e presença atenta. O cristão testemunha Deus, portanto, não pela estridência de discursos, mas por uma fidelidade paciente, silenciosa, compassiva: a coragem de continuar amando num mundo exausto.

3. A Igreja em transformação:

a contribuição teológica de Mário de França Miranda

A reflexão de Mário de França Miranda sobre a natureza da Igreja parte de um princípio fundamental: a Igreja é uma realidade viva, histórica e, por isso mesmo, em permanente transformação. Não há fidelidade ao Evangelho sem abertura ao tempo; não há conservação verdadeira sem conversão contínua. A instituição eclesial, afirma ele, não é estática nem imune à história, mas um organismo que precisa adaptar-se para continuar a manifestar aquilo que é em sua essência: “um sinal ou sacramento da salvação” capaz de falar ao mundo presente (Miranda, 2019, p. 45). Para isso, suas formas históricas precisam ser “devidamente captadas e entendidas por seus contemporâneos” (Miranda, 2019, p.45), o que exige abandonar o medo da mudança e reconhecer que a transformação é parte intrínseca de sua identidade.

Esse dinamismo eclesial é fundamentado na própria condição histórica do ser humano e no modo como se dá o conhecimento religioso. Miranda insiste que nenhum acesso ao passado é neutro. Toda leitura é situada e, quando ingênuas ou fundamentalistas, “não consegue atingir-lhe o autêntico sentido, deformando consequentemente sua verdade” (Miranda, 2019, p. 29). A história da Igreja não é depósito intocado, mas encontro de horizontes, uma “espiral” em que cada época relê e reinterpreta textos e eventos (Miranda, 2019, p. 32). A tradição, portanto, não é repetição; é criação contínua de sentido: “um evento ou texto do passado sempre pode receber novas compreensões” (Miranda, 2019, p. 34). Isso se deve ao fato de que a própria verdade cristã é histórica, desvelando-se progressivamente na medida em que a comunidade confia na fidelidade de Deus que acompanha sua caminhada: “ter fé em Deus [...] significa ganhar fundamento e consistência na vida” (Miranda, 2019, p. 37). Mesmo quando se afirma a definitividade da revelação em Cristo, reconhece-se que “a expressão dessa verdade possa se desvelar ao longo da história” (Miranda, 2019, p. 41).

A missão da Igreja deriva dessa fidelidade ao Reino de Deus e, por isso, exige contínua conversão institucional. A Igreja só pode ser sacramento eficaz se sua forma histórica não contradiz a mensagem de Jesus. Por isso, “o cristianismo, ou a Igreja, constitui um organismo vivo se transformando ao longo da história para poder manter sua identidade” (Miranda, 2019, p. 45). As transformações do mundo, culturais, políticas, sociais, demandam mudanças correspondentes na vida eclesial, pois “o imperativo de ter que manifestar o que ela é ocasionará necessariamente mudanças decorrentes das transformações sucessivas em seu entorno sociocultural” (Miranda, 2019, p. 47). A instituição não é pura: pode carregar elementos “da limitação humana e do pecado, da vaidade e da vontade de poder” (Miranda, 2019, p. 48), e por isso precisa de reformas sucessivas. O Concílio Vaticano II, ao recuperar a colegialidade e a valorização das Igrejas locais, mostrou que a tradição é capaz de resgatar dimensões esquecidas de seus primeiros séculos para iluminar o presente (Miranda, 2019, p. 57).

Nessa perspectiva, a inculturação da fé é vista não como adaptação superficial, mas como “aprofundamento da verdade cristã” (Miranda, 2019, p. 58). Quando o Evangelho entra em novos contextos, ele revela dimensões antes latentes, permitindo que a comunidade cristã amplie sua compreensão de Deus e da própria humanidade. A ação do Espírito Santo está no centro desse processo, mas, como afirma Miranda, ela “não acontece num ‘vazio antropológico’” (Miranda, 2019, p. 44): realiza-se sempre dentro da história, com suas tensões, ambiguidades e desafios (Miranda, 2019, p. 68).

O fundamento último da transformação é o próprio Reino de Deus, que Jesus anuncia como realidade presente em sua pessoa (Miranda, 2019, p. 79). O Reino corresponde à soberania de Deus entendida como amor incondicional, e aponta para “uma sociedade humana alternativa à sociedade que Jesus encontrou” (Miranda, 2019, p. 79). Por isso, a missão da Igreja exige superar a autorreferencialidade e ir ao encontro das pessoas (Miranda, 2019, p. 87). Jesus, lembra o autor, relativizou

normas e tradições sempre que elas se opunham à vida (Miranda, 2019, p. 81). A vivência cristã concreta da comunidade é mais importante do que suas estruturas rituais e jurídicas; “mais importante que a exata observância do rito é a participação consistente dos fiéis” (Miranda, 2019, p. 87). A Eucaristia, nesse sentido, não se reduz a um cumprimento ritual, mas torna-se compromisso: “Comungar é comprometer-se” (Miranda, 2019, p. 87). A comunidade dos fiéis é primeira, e os ministérios ordenados existem para servir a essa comunidade (Miranda, 2019, p. 88).

Uma Igreja assim só realiza sua vocação se possuir estruturas efetivas de participação (Miranda, 2019, p. 89). Daí a centralidade da sinodalidade, entendida como escuta mútua e discernimento conjunto. “Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta” (Miranda, 2019, p. 90), e não uma instituição que substitui a consciência dos fiéis, mas que os ajuda a formá-la: “Somos chamados a formar consciências, não a pretender substituí-las” (Miranda, 2019, p. 90).

A resistência à mudança provém, muitas vezes, de tendências tradicionalistas e fundamentalistas que transformam a Igreja em um “guento voltado para dentro de si mesmo” (Miranda, 2019, p. 73). Esse fechamento revela não zelo pela tradição, mas medo do futuro e apego àsseguranças institucionais. Contudo, a fé cristã é essencialmente um compromisso de vida com o semelhante (Miranda, 2019, p. 74), mais exigente do que o conforto de um cristianismo reduzido a ritos imutáveis. Por isso, Miranda afirma que “não devemos temer uma Igreja privada do poder e do prestígio do passado, uma Igreja frágil e humilde” (Miranda, 2019, p. 93). É essa fragilidade que a torna semelhante ao seu fundador. Boa parte da resistência provém da “ideia tradicionalista de uma Igreja estática, imune ao tempo” (Miranda, 2019, p. 94). Mas a Igreja “não foi fundada somente em sua origem, porque Deus a constrói ativamente sem cessar” (Miranda, 2019, p. 94). A “lei da gradualidade”, expressão da misericórdia divina, lembra que a norma objetiva nunca pode ser aplicada sem discernimento da capacidade concreta de cada pessoa (Miranda, 2019, p. 99).

Por fim, o futuro da Igreja, segundo Miranda, não será marcado “pelo brilho das suas celebrações, pela organização impecável, pela beleza de seus edifícios, pelo prestígio social”, mas pelo testemunho de “sensibilidade humana, compaixão pelos ‘ninguéns’ da sociedade” e pela coragem de denunciar os males produzidos pelo egoísmo (Miranda, 2019, p. 111). Um rito que não expressa o vivido pertence ao mundo da mágica, não ao da fé (Miranda, 2019, p. 111). Mais do que ensinar, a Igreja é chamada a escutar, pois só assim poderá atualizar sua missão em cada tempo.

4. A expulsão do outro e o esvaziamento da experiência: a crítica contemporânea de Byung-Chul Han

Byung-Chul Han descreve a sociedade contemporânea como marcada por uma “proliferação do igual”, fruto tanto da lógica neoliberal quanto das dinâmicas da comunicação digital, que prometem conexão ilimitada, mas acabam produzindo isolamento e fragmentação (Han, 2017, p. 07). A homogeneização subjetiva, que ele chama de “terror do igual”, não surge de uma imposição externa, mas de um processo silencioso em que o diferente é gradualmente excluído para preservar a “higiene emocional” das sociedades hiperpositivas. Nas redes, acumulam-se “Friends e Followers” sem que haja encontro real; trata-se de um “estágio de atrofia do social”, em que “a conexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com o outro” (Han, 2017, p. 10). A eliminação da distância, que é, paradoxalmente, o que permite a proximidade verdadeira, destrói a possibilidade de relação. “Nem a ausência de distância nem o igual são vivazes”, afirma Han (Han, 2017, p. 16). A hipercomunicação acelera, mistura tudo, desfaz qualquer profundidade: “relações são substituídas por conexões”, e a vida interior é exposta como “pura superfície” vulnerável aos “raios incidentes de todas as redes” (Han, 2017, p. 66).

No centro desse diagnóstico está a crítica ao neoliberalismo, que produz um novo tipo de subjetividade: indivíduos que se exploram a si mesmos acreditando que se realizam. “Exploramo-nos livremente na

ilusão de que nos realizamos" (Han, 2017, p. 31). A liberdade, nesse sistema, é convertida em dispositivo de exploração. O imperativo da autenticidade transforma-se em "terror da autenticidade", gerando uma compulsão por desempenho, narcisismo e autorreferência (Han, 2017, p. 37). Até mesmo a vigilância, agora digital, não reprime: explora. "O panóptico digital não limita a liberdade, mas a explora" (Han, 2017, p. 86). Nesse cenário, o "curtir" torna-se sintoma de empobrecimento espiritual: "o mero curtir é o estágio de atrofia absoluta da experiência" (Han, 2017, p. 86). A cultura positiva elimina a negatividade necessária à profundidade e ao encontro real.

Contra essa sociedade exausta, Han recupera a importância ética do escutar. Escutar é um ato espiritual e político: "só escutar traz o outro à fala", porque o escutador "se esvazia e torna-se ninguém" para receber a alteridade (Han, 2017, p. 126). A ferida, metáfora central do autor, é o lugar por onde o outro entra, rompendo a interioridade narcísica (Han, 2017, p. 128). O escutar, ao contrário da hipercomunicação, produz comunidade: "uma comunidade é uma comunidade de escutadores" (Han, 2017, p. 130). Trata-se de recuperar a interioridade, a profundidade, a presença, realidades dissolvidas pelo regime da aceleração.

Por fim, Han propõe uma "revolução temporal" que resgate o "tempo do outro", aquele que não se submete à lógica produtivista e que possibilita festa, descanso e relação (Han, 2017, p. 135). A espiritualidade cristã encontra aqui um terreno fecundo de diálogo: a valorização do silêncio, da interioridade, da escuta e da presença; a centralidade da alteridade; a crítica à vida performática; e a urgência de romper com o narcisismo que impede o encontro. As denúncias de Han iluminam os desafios contemporâneos da missão cristã: num mundo saturado de si mesmo, a vocação da Igreja é reabrir espaço para o outro, para a profundidade, para uma vida que vá além do desempenho, para o cuidado como forma de resistência.

5. Ailton Krenak:

vida, morte e resistência contra a necropolítica e o consumismo

As reflexões de Ailton Krenak, especialmente em *A vida não é útil*, revelam uma crítica radical ao projeto civilizatório moderno, sustentado por uma lógica de progresso que, ao avançar, abandona vidas “à margem do caminho”, vidas consideradas descartáveis, sobras de humanidade que não interessam à racionalidade econômica (Krenak, 2020, p. 10). Essa lógica resulta de uma desconexão profunda entre o ser humano e a Terra. Ao lembrar que “quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro”, Krenak denuncia o curto-circuito espiritual que transforma o planeta em recurso e substitui a vida por abstrações financeiras (Krenak, 2020, p. 13). A modernidade, diz ele, está viciada em si mesma, presa à ilusão de permanência e ao culto das tecnologias como garantia de futuro (Krenak, 2020, p. 17).

Essa desconexão gera não apenas devastação ambiental, mas uma política que considera algumas vidas descartáveis, o que o autor chama de “necrocapitalismo”: um sistema capaz de transformar tudo em fantasia financeira, fingindo que o mundo segue operante mesmo quando está “entrando pelo cano” (Krenak, 2020, p. 16). A humanidade passa a consumir mundos em vez de imaginá-los (Krenak, 2020, p. 68). Ao descolar-se da Terra, a civilização deixa de ouvir os ritmos do planeta e absolutiza seu desejo infinito, correndo o risco de “comer este planeta todo” (Krenak, 2020, p. 97). Não é a economia que sustenta a vida; é a Terra que sustenta a economia. Por isso, dizer que a economia é mais importante que as pessoas é “como dizer que o navio importa mais que a tripulação” (Krenak, 2020, p. 86).

A crítica de Krenak converge para uma proposta espiritual: recuperar o encantamento, entender a vida como fruição, não como utilidade. “A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira” (Krenak, 2020, p. 108). Existir é participar de

uma “dança cósmica”, não de uma coreografia utilitária. Em situações de catástrofe, afirma o autor, muitas pessoas têm lampejos do que significa “estar vivo de verdade” (Krenak, 2020, p. 106). A alternativa ao necro-capitalismo está em ouvir: ouvir a Terra, ouvir os seres vivos, ouvir as múltiplas cosmologias que ainda resistem à abstração moderna. “Ouvir a voz de todos os outros seres que habitam o planeta com você” é a chave para uma vida com sentido (Krenak, 2020, p. 73). Os povos originários não estão fora da modernidade porque foram excluídos, mas porque “escaparam” dela (Krenak, 2020, p. 111), preservando outras formas de interpretar o tempo, o espaço e o sentido da existência.

A teologia cristã tem muito a aprender desse horizonte. A crítica de Krenak ao utilitarismo ecoa a crítica evangélica ao legalismo e ao ritualismo que não levam em conta a vida concreta; sua defesa da Terra ressoa com a teologia da criação; seu chamado à escuta dialoga com a urgência eclesial da sinodalidade; sua denúncia da necropolítica encontra paralelos na opção cristã pelos descartados. Integrar a visão de Krenak significa reconhecer que a espiritualidade cristã só permanece relevante se for capaz de romper com o produtivismo, com o consumismo e com a lógica da morte, assumindo a vida, toda vida, como dom sagrado. A convergência entre os dois horizontes revela a espiritualidade cristã não como fuga do mundo, mas como resistência à sua destruição; não como moralismo, mas como cuidado; não como crença utilitária, mas como encantamento diante da gratuidade da existência.

Conclusão

A presente reflexão procurou articular, a partir de autores distintos e provenientes de campos diversos, teologia, filosofia, crítica cultural e pensamento indígena, um horizonte possível para compreender e responder aos desafios contemporâneos que atravessam a fé e a experiência religiosa. Ao longo do artigo, tornou-se evidente que a crise da fé institucional, a expulsão do outro, a necropolítica, o cansaço espiritual e

a lógica produtivista que consome pessoas e mundos não são fenômenos isolados, mas expressões de um mesmo esvaziamento da experiência humana e espiritual. O diagnóstico é múltiplo, mas converge na constatação de que vivemos um tempo de entardecer: entardecer das instituições, da interioridade, da relação e, para muitos, até da própria possibilidade de transcendência.

Tomáš Halík ajudou-nos a compreender que a fé, longe de oferecer garantias, é um caminho atravessado pela noite, pela incerteza e pelo sofrimento, e que justamente nisso reside sua força. Crer não livra da dor, mas sustenta; não elimina a escuridão, mas ensina a atravessá-la. Sua imagem do “entardecer do cristianismo” não é um lamento, mas um convite: reconhecer a maturidade da fé, purificada de triunfalismos e reduções mágicas, capaz de permanecer quando a religião institucional perde centralidade. O cristianismo que emerge desse entardecer é mais silencioso, mais paciente, mais humilde e, por isso mesmo, mais autêntico.

A contribuição de Mário de França Miranda reforça que essa espiritualidade só se torna plena quando encontra forma e expressão numa Igreja que reconhece sua própria historicidade. A Igreja em transformação descrita por ele não abandona sua identidade, mas a reencontra a partir do Evangelho e do Reino, relativizando estruturas, ritos e modelos que já não comunicam o essencial. Trata-se de uma Igreja que escuta, que discerne, que se converte, que abandona o fechamento autorreferencial e se abre ao plural, ao diverso e às feridas concretas da humanidade. A credibilidade da Igreja hoje depende menos de sua autoridade institucional e mais de sua capacidade de compaixão, participação e serviço.

Byung-Chul Han mostrou que grande parte das feridas contemporâneas nasce da sociedade da transparência, do desempenho e da positividade, que expulsa o outro em nome da eficiência e desgasta interiormente as subjetividades. A espiritualidade cristã, ao dialogar com essa crítica, redescobre a importância do silêncio, da interioridade, do cuidado e do escutar, práticas que resistem ao narcisismo e ao cansaço genera-

lizado. A centralidade do outro, tão fundamental na ética cristã, aparece aqui como chave para reconstruir relações e comunidades em um mundo que reduz encontros a conexões.

Por fim, Ailton Krenak amplia o horizonte da reflexão ao denunciar a lógica necropolítica e utilitarista que transforma a Terra e a vida em mercadorias descartáveis. Sua afirmação de que “a vida não é útil” ressoa profundamente com a noção cristã de gratuidades, cuidado e reverência pela criação. Krenak convoca a humanidade a lembrar o que significa existir em relação, em pertencimento, em comunhão com a Terra e com todas as formas de vida. Seu pensamento oferece ao cristianismo uma oportunidade de recuperar a dimensão cósmica da espiritualidade, reconhecendo que a fé não diz respeito apenas à salvação individual, mas à integridade da vida em sua totalidade.

Ao integrar esses quatro eixos: Halík, França Miranda, Han e Krenak, o artigo propõe que a espiritualidade cristã contemporânea precisa assumir um caráter essencialmente resistencial: resistência à superficialidade, resistência à autossuficiência institucional, resistência à lógica do desempenho, resistência ao culto da utilidade. Essa resistência, porém, não é reativa; é criadora. Ela abre espaço para novas formas de comunidade, para práticas de escuta, para relações de cuidado, para uma presença mais encarnada e mais compassiva no mundo. Trata-se de reencontrar o cristianismo como caminho, e não como sistema; como relação, e não como poder; como horizonte de sentido, e não como produto religioso.

Neste entardecer, caminhamos em uma das florestas antigas que vimos no passado, que nos dizem para despertar e ouvir o chamado da terra. Os braços com os quais a natureza nos envolve, abraçam as muitas coisas do mundo, as raízes das árvores no solo também, o solo sagrado misturado dentro da floresta, nos fazem perceber que tudo está interligado. A sabedoria das origens, enquanto o riacho corre entre as árvores, ajuda a nos direcionar ao coração de uma categoria na teologia: o Bem Viver, não apenas um conceito: um modo de vida, um convite para

entrelaçar a vida na natureza ao nosso redor, com os outros, através do universo. O mundo é o da totalidade na teia da vida, onde cada ser é um fio precioso e a saúde do todo depende da saúde de suas partes. É a partir dessa visão que podemos reconstruir uma espiritualidade cristã que incorpora resistência criativa e respeito pela Casa Comum, acendendo novas esperanças, e iluminando em todas as suas luzes trêmulas e luz das sombras para viver esta noite: à luz do conhecimento ancestral.

Diante de um mundo que se esgota, uma Igreja que se transforma, e uma humanidade que busca novamente aprender a viver, a espiritualidade cristã tem a oportunidade e a responsabilidade de oferecer caminhos de profundidade, de esperança e de alteridade. É nesse cruzamento entre tradição e contemporaneidade, entre fé e crítica cultural, entre transcendência e cuidado concreto, que pode emergir um cristianismo capaz de responder ao seu tempo sem perder sua alma. A noite que vivemos não é o fim, mas o convite para uma vigília constante: um tempo de espera ativa, em que a esperança cristã, purificada e amadurecida, continua acendendo pequenas luzes no entardecer.

Referências

- HALÍK, Tomáš. *A Noite do Confessor: a fé cristã num mundo de incertezas*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HALÍK, Tomáš. *O Entardecer do Cristianismo: a coragem de mudar*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- HALÍK, Tomáš.. *Não Sem Esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HALÍK, Tomáš. *Toque as Feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Tradução de Lucas Machado. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia

das Letras, 2019.

MIRANDA, Mário de França. *A Igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, Mário de França. *Vislumbres de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2017.